

O MAIOR DA HISTÓRIA!

PALCO ESTRATÉGICO

VBHC

Patrocínio:



O MAIOR CONAHP DA HISTÓRIA!

O Congresso Nacional de Hospitais Privados – Conahp 2023 aconteceu em São Paulo, nos dias 18 e 19 de outubro, quando recebeu 5.396 pessoas, entre autoridades, parlamentares, conselheiros

da Associação Nacional de Hospitais Privados – Anahp, e representantes de todos os elos da saúde.

Todo o conteúdo do congresso foi dividido entre o Palco Prin-

cipal e outros quatro temáticos:

ESG, O Papel do Médico, VBHC e Inteligência Artificial. Neste e-Book você encontra a cobertura completa do **Palco VBHC**.





PALCO ESTRATÉGICO

VBHC

O modelo de Value-Based Healthcare (VBHC) foi pensado com o propósito de reduzir custos e desperdícios assistenciais, mas, ao mesmo tempo, aumentar a qualidade oferecida aos pacientes e a valorização dos profissionais.

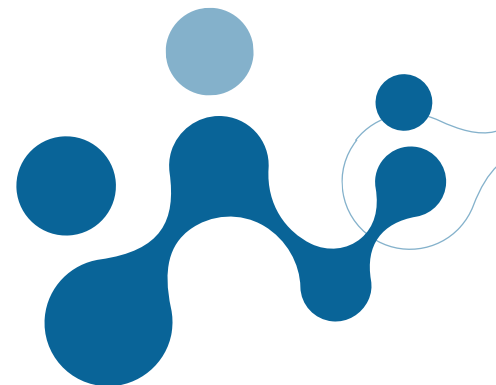
Com esta perspectiva, o objetivo deste palco estratégico foi conhecer os casos de sucesso, nacionais e internacionais, que efetivamente estão conseguindo colocar em prática este conceito tão discutido na saúde, mas tão complexo de executar, bem como conhecer os resultados dessas iniciativas.

PARA MARCIA MAKDISSE, O VALOR É PARA AS PESSOAS

A necessidade de transição para um modelo de gestão da saúde baseado em valor (VBHC) é objetivo comum entre os líderes do setor, mas todos concordam que os desafios para avançar nessa direção são grandes. Por isso, Marcia Makdisse, sócia-fundadora da Academia VBHC, enfatizou que é hora de

colocar essa transformação no centro das prioridades e preparar, de fato, as organizações para este salto, começando pela informação.

“Atualmente, apenas 34% dos profissionais compreendem realmente o que é valor em saúde. Então, tornar-se uma orga-



nização direcionada por VBHC requer uma enorme mudança cultural, desde a linha de frente até o conselho de administração e a alta liderança, que tem a obrigação de criar o contexto para gerar engajamento”, explicou Makdisse.

Além de compreender, é indispensável repensar a agenda de valor, continuou a especialista. “Valor tem que ser para as pessoas. A gente não sabe o que importa para as pessoas, mas elas sabem. Então, precisamos ouvi-las”, recomendou. Nessa linha, Paola Andreoli, gerente da Qualidade e Segurança do Paciente no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, sugeriu criar mecanismos para “demonstrar ao paciente que ele é bem-vindo em nossa organização”.

Felipe Duarte Silva, gerente de Pacientes Internados e Práticas Médicas do Hospital Sírio-Libanês, lembrou que o setor apresenta diferentes estágios de



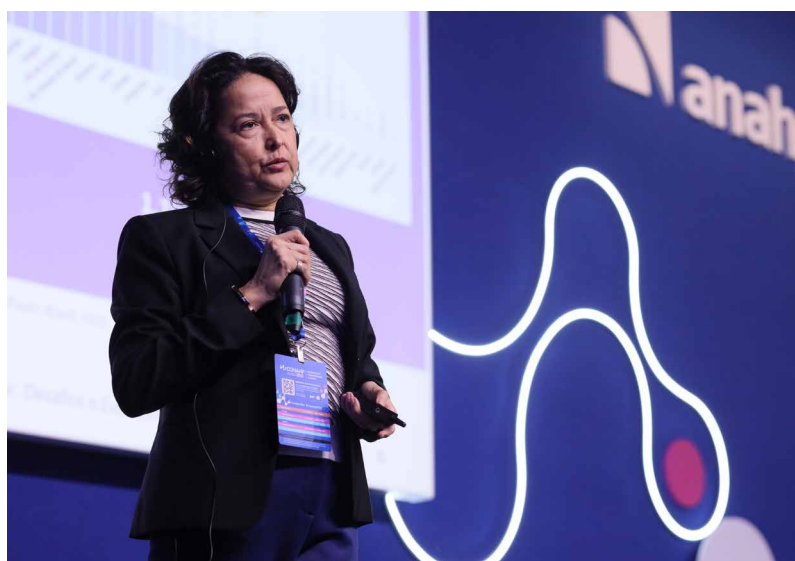
O debate que abriu o a programação do Palco Estratégico VBHC contou com apresentação de Marcia Makdisse e com os debatedores Paola Andreoli e Felipe Duarte Silva, além do moderador Luiz Fernando Ribas

maturidade em relação à adoção do VBHC, e enfatizou que o valor não pode ser expresso apenas em números. “Devemos estabelecer exatamente qual é o objetivo do cuidado considerando principalmente o que o paciente espera”, opinou.

Makdisse destacou que a meta fundamental é entregar qualidade de vida e funcionalidade às pessoas, respeitando as suas decisões. “O primeiro passo é começar a medir desfechos e, mais do que isso, utilizar as infor-

mações para iniciar ciclos de melhoria”, ensinou. E, para reforçar o alerta, contou que, na Europa, 89% das organizações realizam coleta de desfecho, mas que metade delas não usam os dados em ações práticas. “Neste caso, é só mais um custo”, afirmou.

Andreoli também convocou para uma agenda colaborativa para “fazer funcionar esse quebra-cabeça” com o alinhamento de interesses. “Só conseguimos ganhar quando todos estiverem ganhando”, resumiu. Makdisse finalizou chamando para a criação de uma rede de valor, juntando quem paga a quem recebe e, sobretudo, “trazendo o paciente para esse ecossistema”.



Marcia Makdisse durante sua fala no Conahp 2023

VBHC EXIGE VISÃO GLOBAL E ENGAJAMENTO DE TODA A CADEIA ASSISTENCIAL

A busca por uma transformação no sistema de saúde na direção de um modelo Valued-Based Healthcare (VBHC) é um desafio global, e Melanie Snail, gerente da Executive Insight, trouxe alguns exemplos de experiências bem-sucedidas nos Estados Unidos e na Europa para demonstrar como a aplicação do conceito pode entregar resultados expressivos em termos de qualidade assistencial e economia de recursos. Sua fala foi no painel “A transformação do sistema de saúde para atingir a VBHC – cases internacionais”, moderado por Ana Petry, *head* de Assuntos Corporativos e Acesso ao Mercado na Viatrix.

“Para funcionar, a mudança tem que considerar todos os envolvidos na cadeia assistencial e eles também devem compreender a necessidade de integração para a geração de valor”, explicou Snail. E adiantou que essa equação é complexa. “A implementação é uma dança que requer adaptação e, mesmo com as condições ideais, é difícil chegar ao equilíbrio.” Segundo ela, não é razoável esperar resultados da noite para o dia.

Na prática, é preciso identificar claramente o problema e os possíveis caminhos para desenvolver a solução antes de iniciar o engajamento dos parceiros.



No telão, Melanie Snail fala sobre experiências bem-sucedidas em VBHC nos Estados Unidos e Europa, e sua participação contou com a medição de Ana Petry

“Com tudo isso bem-organizado, junte os *stakeholders*, integre as ações, crie indicadores e lance a iniciativa. Em seguida, comece a medir os resultados”, ensinou.

Nessa integração, os gestores não podem perder a oportunidade de garantir alguns benefícios fundamentais, como o compartilhamento dos riscos financeiros, a capacitação dos profissionais de saúde por meio do conhecimento multidisciplinar disponível e o desenvolvimento de uma perspectiva holística de analisar o sistema para gerar, de fato, valor aos pacientes.

Para comprovar que a teoria funciona, ela mostrou alguns cases estruturados nessa lógica de identificar claramente a necessidade, destacar soluções viáveis e engajar as partes interessadas. Nesse sentido, contou como o Estado de Connecticut, nos Estados Unidos, enfrentando uma

crise financeira, cortou custos ao mesmo tempo em que gerou mais valor aos beneficiários dos seus planos de saúde, unindo os sindicatos e funcionários públicos, além dos serviços assistenciais, em uma grande campanha de prevenção e utilização mais racional dos recursos de saúde.

“O ambiente hospitalar é o nível fundamental para consolidar uma cultura de VBHC e desenvolver boas práticas e protocolos para estabelecer a assistência focada no paciente”, finalizou.

MEDIR DESFECHO SÓ FAZ SENTIDO SE RESULTAR EM CICLOS DE MELHORIA DE VALOR

No painel “VBHC na prática: melhoria da qualidade impulsionada pelos desfechos”, hospitais associados à Anahp apresentaram experiências bem-sucedidas para demonstrar como os programas que medem desfecho podem levar, de fato, a ciclos de melhoria de valor. “Essas iniciativas não devem existir apenas porque é bonito ter, mas é preciso realmente transformar. E só transforma efetivamente se o propósito for, de fato, melhorar a experiência do paciente”, afirmou Ary Ribeiro, diretor-executivo da Elibré Clínica de Saúde Mental, que foi moderador da mesa.

Alexandre de Matos Soeiro, coordenador do Grupo de Insuficiência Cardíaca do Hcor, validou a colocação e garantiu que o programa que lidera apresenta bons resultados principalmente porque “o foco é o paciente e não o hospital”. No caso, trata-se de um projeto em Cardiolo-

gia em que a captação de dados é realizada ao longo de toda a jornada do paciente para entender a população atendida, identificar gargalos e aprimorar o controle desde o momento da internação até a alta. “E temos uma equipe multidisciplinar que desempenha papel fundamental na avaliação dos desfechos clínicos e no impacto na qualidade de vida do paciente”, explicou.

“Tudo é avaliado com métricas específicas e o paciente é sempre encaminhado para o cuidado mais indicado, inclusive para um programa de reabilitação após a alta, pois um dos objetivos do programa é evitar a reinternação”, contou Soeiro. Com essa jornada controlada e dados integrados e bem analisados, o Hcor fechou um acordo com a SulAmérica, que paga um pacote para cada paciente, com bônus para cumprimento de metas.

Felipe Duarte Silva, gerente de Pacientes Internados e Práticas Médicas do Hospital Sírio-Libanês, destacou que a medida de desfecho deve servir essencialmente para melhorar a experiência do paciente. “Mas como eu quantifico qualidade de vida?”, questionou. “Por isso, a medida tem que ser feita pela ótica do paciente com foco para a condição de saúde”, disse.

Mário Lenza, gerente médico no Hospital Israelita Albert Einstein, acrescentou a importância de preparar e engajar um corpo clínico multidisciplinar na tarefa. Ele destacou que é necessário estabelecer protocolos claros e garantir que a equipe confie nos dados apresentados. “Além disso, oferecemos *feedbacks* periódicos e fazemos comparação anônima dos resultados para estimular uma competição saudável e a incorporação das boas práticas com resultados comprovados”, finalizou.



Mário Lenza, Felipe Duarte Silva, o moderador Ary Ribeiro e Alexandre de Matos Soeiro durante apresentação de cases de VBHC